

protestos de rua e também frequentou grupos que formaram alguns dos quadros da luta revolucionária de libertação nacional como resistência à ditadura militar instaurada no Brasil com o golpe de 1964, principalmente a partir de seu envolvimento com a Ação Libertadora Nacional de Carlos Marighella. Para realizar o painel, o artista, através de um ready-made visual, apropriou-se de três fotografias veiculadas na imprensa e as submeteu ao processo de solarização, com o intuito de suspender os meios-tons da imagem e redesenhar sua forma como mancha. Tal operação objetiva o aumento do impacto, ou seja, busca-se uma temperatura comunicacional mais alta. Além disso, é analisada a repercussão de Guevara, vivo ou morto... na imprensa decorrente da ameaça de sua apreensão, fato que contribuiu para a divulgação do trabalho, subversão da lógica da censura, como interdição de algo se tornar público, e promoção da fala do artista em favor da democratização da arte. Em suma, a operação “quase jornalística” realizada por Tozzi, provocada pelo diálogo entre sua produção e a mídia, pode ser entendida, quando pensamos que os meios tradicionais de comunicação e de luta política estavam sob censura ou tinham sido fechados, como participante de uma estratégia mais ampla de artistas contrários ao regime militar no sentido de difundir mensagens contrárias à censura, à repressão e em favor da liberdade de expressão e da democracia.

Reinaldo Cardenuto Filho (FAAP)

- ***Entre o infortúnio e o entusiasmo: os desenhos de Antonio Benetazzo durante a luta armada contra o regime militar brasileiro***

Em outubro de 1972, Antonio Benetazzo foi assassinado pelo regime militar. Pertencente ao Movimento de Libertação Popular, grupo armado em oposição ao Estado autoritário, o militante foi apedrejado até a morte no sítio de tortura “31 de março”, localizado no bairro paulistano de Parelheiros. As falsas notícias publicadas nos jornais acerca da morte de Benetazzo, divulgada como um atropelamento, constituiriam o primeiro ato da ditadura para acobertar a veracidade a respeito de seus últimos momentos de vida. No decorrer dos anos seguintes, a despeito das buscas por informação, o aparato repressivo atuaria com o objetivo de esconder os vestígios de sua memória, deslocando-a para um limbo histórico que duraria décadas. No caso desse guerrilheiro, no entanto, não somente a sua trajetória seria posta às margens, mas inclusive a sua produção artística, composta por cerca de duzentos desenhos, permaneceria desconhecida. Apenas em 2016, a partir de um projeto de resgate, a obra do militante seria finalmente apresentada na esfera pública, em um espaço expositivo do Centro Cultural São Paulo.

A descoberta dos desenhos de Benetazzo, guardados por décadas nas casas de seus amigos e familiares, permitiu o acesso inédito a um artista que, cindido entre a guerrilha e o ato criativo, ocupou-se em construir representações acerca da violência do regime militar. De todo o material encontrado, um conjunto específico de onze obras produzidas em 1971, no exato momento em que Benetazzo encontrava-se na luta armada, chamam a atenção não apenas pela sofisticação estética, mas sobretudo por traduzirem os sentimentos de alguém que lidava diretamente com o risco da morte. Nessa série de colagens, compostas por técnicas figurativas e abstratas, o militante transcreveu o entusiasmo e o infortúnio decorrentes da sua decisão pela resistência radical. Para além de três autorretratos, nos quais representa-se como guerrilheiro, evocando uma ruptura identitária enfrentada por aqueles

que abandonariam suas vidas corriqueiras enquanto lutavam contra a ditadura, os trabalhos também exprimem tumultos emocionais resultantes da condição limítrofe da clandestinidade. Uma parte das obras, a exemplo de Queda, é atravessada pela positividade de um artista que apostava na superação do autoritarismo a partir de um processo revolucionário. Já em outra parte, caso de BR 71, o idealismo é substituído por desmanches afetivos, pela sensação de perda e de solidão decorrente da entrega à militância.

A comunicação, ao exibir os desenhos feitos em 1971, pretende analisá-los como material artístico a representar, do viés de um guerrilheiro, a situação sentimental e política derivada da escolha pela luta clandestina. Com isso, espero contribuir para os estudos sobre a arte desenvolvida durante a ditadura.

Artur Correia de Freitas (Universidade Estadual do Paraná)

- ***A poética da pobreza: arte, resistência e redemocratização na obra Grito Manifesto***

Esta comunicação aborda a relação entre arte e resistência no contexto da redemocratização por meio da obra performática Grito Manifesto, realizada pelo coletivo curitibano Sensibilizar no dia 31 de março de 1984, por ocasião dos vinte anos de vigência da ditadura militar no Brasil. Pouco estudado pela historiografia da arte no país, o coletivo se notabilizou pela proposição de performances coletivas de viés crítico e colaborativo, via de regra realizadas diretamente no espaço urbano. Apresentadas como grandes happenings multimidiáticos, as obras do Sensibilizar apostavam na recuperação da capacidade criadora do público participante, e com ela se opunham à alienação política e ao embrutecimento das relações sociais no âmbito do capitalismo avançado. Entre 1983 e 1987, enquanto esteve ativo, o grupo realizou pelas ruas de Curitiba um extenso rol de ações que agenciavam temas diversos, como a educação dos meninos de rua, a vida árdua dos sem-teto e o caráter público da experiência estética, expandida para além dos dispositivos museológicos tradicionais. Em 1984, o Sensibilizar planejou uma obra que marcaria época. Inspirados pela recente retomada do espaço público do movimento Diretas Já, e motivados pela denúncia do intenso contraste social de um país em plena crise econômica, os membros do Sensibilizar decidiram realizar uma ação urbana e coletiva que envolvesse os moradores da Vila Pinto, atual Vila das Torres, já à época uma das maiores favelas de Curitiba. Depois de três meses de preparação, o grupo elegeu o carrinho de coleta de materiais recicláveis, usual entre os trabalhadores da Vila, como “o principal motor da obra” – uma espécie de emblema ético-poético da proposta. Irônica e beligerante, a ideia era realizar o evento durante o fatídico dia 31 de março, aniversário exato dos vinte anos do golpe de 1964. Na manhã do dia combinado, dezenas de artistas e carrinheiros – cada qual com seu carrinho de coleta – seguiram em passeata da Vila das Torres ao centro de Curitiba, dando início à obra coletiva Grito Manifesto. Sob escolta da polícia, a insólita marcha dirigiu-se à célebre região da Boca Maldita, que dois meses antes havia sido palco do primeiro grande comício nacional das Diretas Já. Uma vez instalados na Boca, os participantes construíram uma grande coluna de lixo – o Monumento de Lixo – que ofereceram como um “presente” de aniversário do Golpe. Em pleno processo de abertura política e de luta pela redemocratização, o coletivo Sensibilizar, em síntese, decidiu “comemorar” o aniversário de vinte anos do regime por meio de um presente de grego. Como um cavalo de Tróia simbólico, a ação conjunta de artistas e carrinheiros fazia coro ao recente furor cívico nacional, à época marcado pela retomada